

NAS EMPRESAS DE GARAGEM: REFLEXÕES SOBRE MASCULINIDADES, EMPREENDEDORISMO E MÍDIAS DIGITAIS

*Juliana do PRADO**

RESUMO: O artigo analisa as relações entre mídias digitais e apoio emocional, enfatizando as maneiras pelas quais se articulam aos sentidos atribuídos às masculinidades em rede. A pesquisa foi realizada a partir de entrevistas com homens, que se identificam como brancos, heterossexuais e profissionais liberais que fizeram parte de uma comunidade on-line. O estudo mostra como a comunidade, antes de ser entendida como empreendimento inovador, consolida-se a partir de relações entre homens, que encontram um espaço para lidar com as inseguranças profissionais que experimentavam, no que tange às convenções de masculinidades. Nesse sentido, essa rede de socialidade possibilita que sejam empreendedores de si mesmos e busquem transformarem-se em homens socialmente admirados por suas conquistas no trabalho e nas relações afetivas. A comunidade fez dessa modelagem social de masculinidade pelas mídias digitais um modelo de negócios de apoio emocional restrito para homens com perfil social específico de classe social, sexualidade e raça.

PALAVRAS-CHAVE: Mídias digitais. Comunidades. Masculinidades. Empreendedorismo.

Introdução

A expressão “empresas de garagem” remete às iniciativas modestas, que emergem em contextos privados, nos quais se destacam a genialidade, criatividade,

* UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Unidade de Paranaíba. Paranaíba – MS – Brasil. 79500-000. ju.doprado@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-8190-3292>.

dedicação e o protagonismo individual, como elementos definidores do êxito nos negócios. A equação de sucesso encarnada em homens empreendedores se expressa, sobretudo, nas áreas de tecnologia. Em termos sociológicos, a ideia de que iniciativas profissionais bem sucedidas dependem exclusivamente do mérito individual merece ser problematizada.

Este artigo pretende apontar para as implicações de gênero, sexualidade, raça e classe social na elaboração de um negócio específico via mídias digitais, com foco na formação de redes de apoio emocional entre homens. Nele, argumento que a conexão em rede propiciada pelas mídias digitais fortalece alguns sentidos de masculinidades, ancorados em sucesso profissional, relações com mulheres e que, em última instância, converte-se num negócio focado em apoio emocional para homens inicialmente e, expandindo-se para outra plataforma que inclui as mulheres.

O trabalho de campo foi realizado a partir de um serviço de rede social¹, caracterizado pelos sujeitos da pesquisa como uma comunidade on-line exclusivamente voltada ao público masculino e contou com entrevistas com homens que a compunham. Essa comunidade foi formada no interior de um site criado em 2006 a partir da experiência de um de seus fundadores com uma lista de e-mails utilizada por homens para discutirem suas vidas pessoais. Inicialmente, se tratava de uma coluna de aconselhamento afetivo que funcionava de modo assíncrono, com perguntas enviadas pelos leitores e respostas elaboradas pelos editores, cujo intuito era propiciar o desenvolvimento de habilidades com as mulheres. Com a formação da comunidade, que segundo dados obtidos pelo seu site de origem teve por volta de 2300 homens, houve a possibilidade de interação entre os usuários através de fóruns², compartilhamento de artigos e ensinamentos que denominavam de práticas³, o que a constituiu como um espaço legitimado onde construíram laços de confiança ao dividirem suas vidas⁴.

¹ Por finalidades de preservação da identidade dos sujeitos e da plataforma digital, não revelaremos o nome da comunidade e dos sujeitos que compuseram a pesquisa.

² Os fóruns eram organizados a partir dos itens: apresentações (onde cada membro se apresentava), artigos exclusivos aos usuários, práticas (com sugestões de exercícios, treinamentos e atividades envolvendo corpo, mente e interação social), discussão (espaço de troca de conhecimentos e experiências), sexo, relatos (com experiências de relacionamentos e experiências em geral dos usuários).

³ Todos os artigos, práticas, relatos e discussões giravam em torno de alguns eixos: Mente e Saúde, Corpo são, Sexo e Mulheres, Trabalhos e Negócios e Culturas e Artes.

⁴ Para participar das atividades era necessário responder um questionário inicial sobre como conheceu o projeto, preencher um cadastro com dados pessoais e pagar uma taxa mensal de R\$ 75,00 caso houvesse interesse de participar por 3 meses e R\$ 55,00 caso houvesse interesse de participar por 6 meses. Era recomendado que após o tempo máximo de participação – seis meses – cada usuário ficasse três meses sem participar – o que era conhecido como “tempo sabático”. A justificativa para essa medida era de que a comunidade não se transformasse em uma muleta para os participantes conduzirem suas vidas, mas sim em espaço para cultivar redes de socialidade entre homens, permitindo a rotatividade dos participantes, o que garantiria também a ampliação de novos usuários e manutenção financeira da comunidade.

Seu funcionamento se deu no período de 2008 a 2013, momento em que ampliou seu público com a entrada de mulheres, transformando-se em um negócio comercial, desde então, com foco em práticas de meditação on-line, ensinamentos e artigos sobre finanças, relações afetivas, etc. No período estudado, além das atividades de interações on-line, ocorriam encontros presenciais, com socialização em bares, práticas de silêncio, aula de dança de salão, conversa com mulheres, discussões sobre trabalho e balada de salsa. Caracterizou-se por uma rede entre homens, na sua maioria, com idades entre 21 e 34 anos, que se auto identificam como brancos e heterossexuais, com ensino superior concluído ou em andamento, realizado em universidades públicas ou particulares. Pertencentes às áreas profissionais de informática, publicidade, marketing, administração de empresas, engenharias, meus interlocutores trabalhavam com tecnologia em pequenas ou médias empresas, geralmente em regimes flexíveis quanto a carga horária, com contratos de trabalho em que são pagos como Pessoa Jurídica. De outro lado, alguns interlocutores estavam terminando seus estudos universitários, já trabalhavam com informática e almejavam seguir carreira acadêmica, passar em concurso público ou ter sua própria empresa. Viviam com famílias, namoradas ou esposas ou dividiam apartamento com colegas de faculdade e trabalho em centros urbanos brasileiros, como São Paulo, Rio de Janeiro, Florianópolis, Joinville, Curitiba, Recife, Goiânia e Brasília.

A conexão entre os sujeitos definiu o modo como a plataforma foi evoluindo em um negócio comercial mais amplo que auxiliou a moldar suas subjetividades. Lana Rakow (1992, p.2), ajuda a compreender esse cenário mostrando como “à medida em que uma tecnologia se torna parte de uma estrutura material e social, as pessoas fazem adaptações com a maneira como fazem as coisas e a maneira como interagem com os outros”. Sua pesquisa realizada em uma cidade pequena dos EUA, observa especificamente os usos do telefone, que não se trata de uma tecnologia neutra ou apenas um aparato tecnológico de comunicação, assumindo um aspecto de gênero que posiciona as mulheres como responsáveis pelo seu uso dentro dos lares como se falar ao telefone fosse tarefa essencialmente feminina. Inspirada por essa abordagem, verifica-se que as tecnologias não são independentes de seus contextos de usos, tampouco artefatos puramente técnicos. Elas têm impacto no cotidiano, desenhando as relações de gênero e as subjetividades. No meu campo constatei que as mídias digitais foram fundamentais para que os homens pudessem se sentir seguros para exercerem uma socialização de apoio emocional e construïrem uma masculinidade desejada, inclusive admirada entre eles, e para que pudessem se reconhecer e se espelhar nos líderes que coordenavam as atividades, como modelos.

Solicitei a entrada na comunidade, contudo, não obtive êxito, com a justificativa de ser destinada apenas aos homens. Para participar era necessário realizar um pedido de inscrição on-line e esperar ser entrevistado pelos coordenadores. Optei,

então, por me concentrar na experiência dos usuários ao buscarem pela comunidade, o que me permitiria entender quais motivações dos usos. Constituí, através de acompanhamento da comunidade em página do *Facebook*, uma rede de contatos com usuários e, dessa forma, pude manter conversas consentidas com eles.

Pretendo demonstrar, num primeiro momento, como a vida de alguns interlocutores foram marcadas por instabilidades profissionais e subjetivas, de tal maneira que dependeram do reforço coletivo dessa socialidade on-line, que lhes sugeriu um investimento em si mesmos como forma de constituírem uma masculinidade almejada. Evidencio como tanto os coordenadores, que tinham uma masculinidade admirada nesse contexto, quanto os usuários que pagavam por esse serviço, não podem ser vistos sem considerar sua inserção social. Posteriormente, aponto para como a comunidade forneceu referenciais e repertórios para esses homens corrigirem estigmas de masculinidades em rede. Isso se constituiu em um negócio que masculinizou o apoio emocional em uma infraestrutura de rede social restrita, preservada das mulheres. Foi por meio dos usos das mídias digitais, de ferramentas como grupos de e-mails, plataforma de desenvolvimento de sites e fóruns e não propriamente de inovação tecnológica que converteram a rede de socialidade que se formou, em um investimento empresarial.

Trajetórias instáveis, masculinidades conectadas

Gilberto⁵, um de meus interlocutores e fundador da comunidade, tinha 29 anos quando iniciamos nossas conversas. Formado em jornalismo, com habilitação em publicidade e propaganda, nasceu em Belo Horizonte e mudou-se para São Paulo. Segundo ele, as restrições profissionais presentes no mercado de Belo Horizonte, somadas ao término de um noivado e ao posterior envolvimento com uma mulher do interior de São Paulo, serviram de impulso para que deixasse a capital mineira rumo à paulista.

Em busca de aperfeiçoar suas habilidades profissionais e em consonância com a manutenção do namoro, sua experiência intersecciona os universos do trabalho com o da relação afetiva. Enquanto trabalhava em agências de comunicação e marketing desenvolvendo estratégias de alcance digitais para empresas, coordenava um grupo de e-mails específico para homens. Mais tarde, com a expansão desta rede, pôde se dedicar integralmente ao desenvolvimento da comunidade on-line na qual baseei a pesquisa.

Gilberto⁶ conta que a ideia inicial era

⁵ Os nomes de meus interlocutores foram trocados com o intuito de preservar seu anonimato.

⁶ Os depoimentos de Gilberto foram transcritos a partir de entrevista realizada via Skype.

De montar um projeto de um veículo para o público masculino que fosse capaz de afetar a vida das pessoas na prática e fosse capaz de colocar pro mundo algumas das coisas que a gente estava conversando ali dentro e a gente não via em outro lugar. Então esse grupo foi como se fosse um grande caldeirão de pesquisa, durante dois anos, como eu era moderador e condutor do grupo, pra mim foi um laboratório muito grande pra entender dinâmicas humanas presenciais e especialmente digitais porque envolvia todo tipo de coisa, gente de outras cidades com visões diferentes.

A origem da comunidade se confunde com a busca de Gilberto por estabilidade profissional, ou melhor, o percurso da comunidade e a sua estabilização se confundem com as instabilidades profissionais experimentadas por ele. O site pode ser compreendido como o resultado de uma rede de conexões que se converteu em um negócio que lhe permitia apostar em maior controle profissional diante de um contexto de inseguranças sociais e econômicas. Ademais, as mídias digitais impulsionam o compartilhamento de experiências, (PRADO, 2015; FACIOLI, 2017), o que nesse cenário, possibilitou ter o domínio da relação entre homens, fortalecendo sentidos de uma masculinidade apta a orientar outras a serem bem-sucedidas.

A partir de contatos estabelecidos com leitores, na época que ainda residia em Belo Horizonte, Gilberto pôde prosseguir com a elaboração do site e aprofundar suas atividades profissionais para um âmbito em que atendesse também seus anseios pessoais. De certo modo, todo esse itinerário pode ser assimilado como parte de um projeto mais amplo de ascensão social com a mudança para São Paulo, um negócio próprio e relacionamento estável que representaria a conquista de uma masculinidade que até então não era possível no contexto em que vivia. A ascensão assume aspecto de um projeto individual, que mesmo que não se concretize, tem ligação simbólica com a mudança para São Paulo, corroborando com a reflexão de Facioli e Padilha (2018, p.37), de que há um desejo pela metrópole que “pressupõe a possibilidade de uma vida intensificada mediante a convivência com estranhos, pela exigência de autonomia e, sobretudo, pela promessa da liberdade individual como sinônimo de felicidade”.

O percurso de Carlos, outro interlocutor, é semelhante ao de Gilberto. Quando nos conhecemos, estava com 30 anos. Nascido em Mauá, formou-se em Filosofia. Para ele foi a experiência acadêmica que o permitiu se interessar por temas que, em suas palavras, “prometiam alguma transformação interna”. Ele conta que, no início dos anos 2000, passou a se dedicar a grupos de discussão no *Yahoo* sobre conhecimentos e reflexões a partir dos referenciais filosóficos que já estudava e teve contato com o budismo. Carlos atuou como *freelancer* em editoras, produzindo conteúdo para sites e em 2008, começou a conciliar suas atividades profissionais

com a comunidade, de modo que a partir de 2011 conseguiu se dedicar integralmente à esta.

Os motivos pelos quais a comunidade foi criada e, inclusive, que também impulsionaram outros usuários a se associarem articulam-se a experiências de instabilidades profissionais e afetivas, que marcam suas buscas por constituição de referenciais de masculinidades que se darão como construções individuais partindo da rede de relações ali criadas. Os depoimentos que revelam como os usos da comunidade ampliaram relações e auxiliaram a lidar com a vida profissional e afetiva aludem ao modo como a rede, termo utilizado constantemente para definir a dinâmica da comunidade, atuou como suporte subjetivo, oferecendo apoio emocional para esses homens lidarem com incertezas e inseguranças com relação à padrões de masculinidades calcados na relação com as mulheres, situação financeira e profissão. Para Gilberto e Carlos, assim como para outros usuários que viriam a colaborar com os textos do site e até assumindo a coordenação de algumas atividades transformando esse envolvimento em atividade de trabalho, a rede ofereceu não apenas apoio emocional no sentido de lidarem com suas subjetividades, mas também auxiliou na criação de redes profissionais e com isso manterem-se atentos às oportunidades de trabalho que poderiam surgir.

Desse modo, ao contrário dessa plataforma ser considerada consolidada e seus idealizadores homens de prodígio natos, suas trajetórias de vida se revelaram incertas. O êxito se deu apenas a partir do momento em que outros usuários com as mesmas características e afinidades fizeram parte dessa rede. Existem aspectos em comum entre esses homens, quanto a questões de raça, gênero, sexualidade e classe social, como também quanto a um pertencimento profissional de áreas de tecnologias de informação e comunicação que aludem à colaboração entre eles. Isso se articula com a teoria da modelagem social da tecnologia sugerida por Donald MacKenzie e Judy Wajcman (1999), que observam como as tecnologias precisam ser socialmente contextualizadas, desde seu desenvolvimento até as formas de uso que assumem em determinados cenários. Em suas palavras: “um sistema tecnológico como uma rede de luz e energia elétrica nunca é meramente técnico; seu funcionamento no mundo real tem aspectos técnicos, econômicos, organizacionais, políticos e até culturais” (MACKENZIE; WAJCMAN, 1999, p.18). Desconsiderar essa modelagem desloca a tecnologia de contextos sociais mais amplos, como as que associam inovações tecnológicas como resultado de dedicação do trabalho de homens e, sobretudo, não interroga aspectos de gênero, conforme advertem os autores.

De acordo com essa noção, grandes invenções ocorrem quando, num lampejo de gênio, uma ideia radicalmente nova se apresenta quase pronta na mente do inventor. Esse modo de pensar é reforçado pelas histórias populares da tecnologia, nas quais cada dispositivo está associado a uma data precisa e a um homem em

particular (poucas são as mulheres nas listas estereotipadas) a quem a invenção inspirada ‘pertence’. (MACKENZIE; WAJCMAN, 1999, p.10).

Um olhar mais atento constata que meus interlocutores não eram propriamente produtores de inovações tecnológicas, embora acreditassem que o trabalho com as tecnologias lhes dava autonomia suficiente para almejarem a ser empresários. Ao contrário, estavam em situações incertas e deram sentido, modelaram a tecnologia para obterem uma rede de apoio emocional. Ademais, foi possível observar um processo duplo: de um lado, a incorporação desses usuários à organização da comunidade e troca de contatos profissionais e, de outro, o contato com a comunidade através de contatos profissionais. Lima e Oliveira (2017), ao estudarem trabalhadores dessas áreas, constatam que:

A existência de milhares de empresas “de garagem”, *startups* com desenvolvimento de aplicativos e prestação de serviços customizados para clientes, pressupõe a existência de redes de colaboração entre elas e entre os profissionais que compõem a *networking*. Um profissional pode passar para outro a realização de tarefas específicas, para as quais este possui maior domínio, e isso pode acontecer independentemente de vínculo com as empresas; ou então, busca na rede a solução de um problema. A empresa, por sua vez, passa para profissionais externos a elaboração de atividades para as quais não tem *expertise*, numa forma de terceirização diferenciada (LIMA; OLIVEIRA, 2017, p.122).

Em vista disso, é possível perceber uma convergência entre trabalho e intimidade como parte dos usos das mídias digitais, particularmente de regimes de trabalho que estão focados no rendimento individual do trabalhador ao lidar com informações. Em outras palavras, “a ideia linear de início e fim do trabalho é substituída pela constância com que o trabalhador executa as atividades de trabalho permanentemente conectado, produzindo e se produzindo” (LIMA; OLIVEIRA, 2017, p.124).

É o caso de Tales⁷, que se aproximou da comunidade por se interessar por “desenvolvimento pessoal”. Com 28 anos, morava em São Paulo e trabalhava com informática. Tem dois irmãos por parte de pai, filhos de seu segundo casamento, após cinco anos de falecimento da primeira esposa, mãe de Tales, quando este ainda era criança. Já trabalhou desenvolvendo programas na internet para empresas, desejava desenvolver aplicativos para celulares e ter sua própria *start up*⁸. Em nossas

⁷ Os depoimentos de Tales foram transcritos a partir de entrevista realizada via *Facebook*.

⁸ *Start up*, termo da língua inglesa sem tradução oficial para a língua portuguesa, é uma “empresa emergente” ainda em fase de desenvolvimento que é normalmente de base tecnológica, mas pode aparecer em vários setores que têm como objetivo principal desenvolver ou aprimorar um modelo de negócio.

conversas afirmava o quanto gostava de trabalhar com informática e como Pessoa Jurídica, por contratos de regimes flexíveis, pois assim, teria mais liberdade e por justificar:

Na real, eu prefiro assim pq reflete mais o que eu penso. Eu sou mais meritocrata do que gostaria de ser. Pra mim tem que trabalhar se quer dinheiro sim, temos problemas de saúde sim, temos imprevistos inúmeros. Mas no fim eu acho que é essa a relação job > done > \$\$\$\$. Eu não pretendo parar de trabalhar nunca. Só pretendo mudar a forma e o conteúdo, talvez algum dia eu dê aulas de programação ou só faça uns freelas sei lá, mas eu sei que não vou ter aposentadoria e não vou querer parar de trabalhar. Eu gosto e acho saudável.

Fez um ano de Lazer e Turismo na Universidade de São Paulo (USP), campus de São Paulo, mais por pressão familiar de fazer uma faculdade pública do que por interesse próprio. Para ele, “era legal de estudar, mas eu não tinha perspectiva de carreira, não tinha *network* pra isso. E quem não tem... bom... grandes chances de tu passar uns anos como animador em buffet infantil ou recepcionista de hotel”. Como tinha afinidades com exatas e a carreira na área de informática já fazia parte da vida de seu pai – “o lado japa da família”, decidiu mudar os rumos da formação profissional. Depois transferiu o curso para Sistema de Informação, mas também não concluiu, tendo feito dois anos e saído pra se dedicar ao trabalho com a área. Apesar de ter enveredado pelo caminho da informática, isso se deu em meio a embates familiares. Seu pai havia entrado em dívidas por causa do trabalho na mesma área e receoso que acontecesse o mesmo como filho, tentou empurrá-lo para a carreira militar por acreditar que teria mais chances.

Tales diz ter estudado sempre em escolas particulares e morado em várias cidades quando ainda era criança, por conta da profissão de seu pai, que trabalhou com informática durante vinte anos. Todas as mudanças de cidade foram tidas como muito positivas para ele, que pelo fato de ser tímido, “descobriu meios de fazer amigos”. Depois de seu pai entrar em dívidas, afastou-se da família e foi morar com sua tia durante dois anos, enquanto seu pai, madrasta e irmãos, tiveram que morar com a avó. Saiu da casa da tia para dividir apartamento com amigos e também chegou a morar em pensionatos, ao mesmo tempo em que fazia faculdade e começou a trabalhar com programação. Como não conseguia se dedicar ao trabalho e à faculdade e sua situação financeira e da família não estava estável, decidiu “que não dava mais pra ficar desistindo de coisas que queria por causa de grana” e investiu na programação. O reestabelecimento financeiro como programador, aliado ao fato de começar a morar sozinho, o suscitaram a retomar o contato com a família e propor que seu pai e seus irmãos fossem morar com ele e ajudassem em alguns

gastos domésticos, enquanto o aluguel ficaria sob sua responsabilidade. Assim, segundo suas palavras, ele se tornou o “homem da casa”:

Isso foi bom no começo e aí eu percebi que não era bom não. Meus pais ficaram meio “submissos” a mim. Eu tinha virado o “homem da casa”, mas isso não tava fazendo bem pra família em si. Meu pai não conseguia ser pai dos meus irmãos. Essa configuração da casa bagunçou um pouco as relações. Quando minha irmã precisava de ajuda ou queria alguma orientação ela me procurava ao invés dos meus pais, saca? E eu tava ajudando a manter essa configuração. Eu tbm não conseguia ser menos do que eu era, eu não conseguia mais ser o filho que era antes. Mas a oportunidade de sair de casa só veio muito tempo depois, mas isso ajudou meus pais a se organizarem nas finanças um pouco. Hoje eles conseguem se sustentar já.

A história de reviravoltas de Tales, particularmente quanto à situação financeira e profissional é demonstrativa de uma experiência centrada no trabalho como meio de obtenção de estabilidade, reconhecimento familiar e, em última instância, uma masculinidade reconhecida enquanto aquela capaz de alcançar sucesso. Nesse processo de instabilidades ele conheceu a comunidade por meio de um amigo e me revelou que tinha interesse em fazer parte da maçonaria:

O principal motivo é meu interesse em “desenvolvimento pessoal”, qualquer coisa que me ajude a me tornar uma pessoa melhor. Na época eu tinha um bom interesse em entrar pra maçonaria e também tem o fato de ser um amigo que considero muito. Então acho que isso conta. Não acho que a comunidade e a maçonaria sejam semelhantes, a maçonaria cai pra um lado muito mais ritualístico creio eu do pouco que consegui conhecer né... sem contar que eu tenho essa impressão de que a maçonaria é meio como os escoteiros tem graus/degraus níveis que se galga também não gosto muito dessa hierarquia. Na maçonaria você é convidado a participar, não existe algo como “se inscreva aqui”. Eles que decidem (ou não) te convidar e a comunidade é bem mais fácil nesse aspecto. Tenho interesse em coisas relacionadas ao nosso crescimento como ser humano [...] meu amigo me indicou, chamou pra participar eu fui ver qual era.

A possibilidade de se inscrever na comunidade mais facilmente, sem nenhuma indicação específica como acontece na Maçonaria, assim como uma relação que julgava menos hierárquica garantiram a sua adesão. Em certa medida, a maçonaria, enquanto mais centrada na relação entre homens⁹ guarda afinidades com o que é

⁹ Embora em algumas vertentes haja a possibilidade de participação efetiva de mulheres.

proporcionado pela comunidade, no sentido de se configurar enquanto um espaço masculino, no qual homens se apoiam para alcançarem um grau mais elevado e prestigioso de sua masculinidade. Ainda, a rede estabelecida através desse tipo de arranjo social permite contatos de favorecimento, ao menos em alguns aspectos, no que se refere às esferas profissionais, podendo se assemelhar em alguns contextos ao que Tales denomina de “*network*”, que tanto faltava à carreira de turismo da qual desistiu. Em um sentido mais amplo, a associação entre Maçonaria e comunidade, apesar de ele identificar os pontos divergentes, poderia se relacionar à uma busca por constituir redes de socialidade através das quais pudesse obter suporte tanto subjetivo, quanto de redes profissionais, para manter atributos de masculinidade, recém conquistada junto à área de programação e pelo fato de ter assumido em momento concomitante, responsabilidades quanto à moradia familiar. Sobre sua concepção das atividades da maçonaria, Tales explica:

não tenho mta certeza do que eles fazem se realmente ajuda a ser uma pessoa melhor, mas acho que esse é o ponto deles eles também tem um desenvolvimento espiritual forte por lá do jeito deles...bem como alguns amigos...às vezes um grupo de amigos te ajuda a ser uma pessoa melhor e meu pai é maçom...na época eu queria participar, mas eu não curto mto o lance todo de fazer segredo saca? eu acho que se o que você faz é legal e é “certo” não tem pq ficar escondendo. Uma coisa é ser discreto outra é ser secreto não gosto mto do “secreto” prefiro discreto. Então eu queria algo como a maçonaria, mas que não fosse fechado como a maçonaria. Até hj eu tenho algum interesse na maçonaria. É só esse ponto que eu não consigo aceitar. Eu fico desconfiado.

As expressões segredo e discreto ao se referirem à Maçonaria e à comunidade, pautam-se, portanto, no fato de que a comunidade assumiria uma característica mais “discreta”. É possível indagar em que medida o discreto adquire nesse contexto um significado associado à masculinidade que não denuncie qualquer aspecto que possa corromper as relações entre os homens, sobretudo, publicamente. Essas relações, além de amparadas pelo sigilo, devem ser discretas, não ocasionando qualquer inferência de questionamento da masculinidade heterossexual dos homens que fizeram parte da comunidade. Isso faz com que sejam situadas mais no âmbito do discreto, ou seja, não tão secretas, incitando discursos que possam promover a adesão pela comunidade e sua imagem pública, mas minimamente reservadas, no sentido de não corroer a heterossexualidade, hegemônica nesse contexto.

A história de Tales articula elementos experienciados na família, trabalho e mídias digitais que visualizados num primeiro momento parecem não ter ligação. Os elementos em torno da relação familiar instável a partir das dívidas do pai, somados

à aproximação com a carreira de informática e posterior responsabilidades assumidas perante a família foram importantes no que se refere ao processo de adquirir masculinidade respeitável e bem sucedida na esfera profissional, culminando na esfera familiar e mais tarde, afetiva. O trabalho pode ser considerado como um modo de re-ordenamento subjetivo de sua experiência de instabilidade familiar, pois foi a partir dele que conseguiu relativa segurança. Por isso em seu discurso aparece o aspecto individualista ao qual se intersectam trabalho e dinheiro, isto é, em seu discurso meritocrata, conforme definido por ele mesmo, independente da pessoa ter sofrido momentos de inseguranças financeiras e familiares, se trabalhar bastante consegue dinheiro, atributo fundamental de avaliação pessoal e, principalmente masculina, baseada no discurso do sucesso, além do saudável. Nesse âmbito, pode ser considerado saudável para a masculinidade trabalhar muito, desde que com isso se consiga dinheiro.

Em um contexto no qual lhe tinha sido cobrado passar no vestibular em universidade pública e entrar para a carreira militar, ter sido “o homem da casa” por determinado período, lhe conferiu atributo de êxito aliando trabalho e masculinidade. Em uma conjuntura na qual as cobranças em torno de estabilidade profissional e financeira ganhavam teor muito forte para Tales, a rede de relações surge como suporte subjetivo para lidar com esse cenário. Isso se dá de modo a manter-se firme no caminho da ascensão profissional, que inclusive lhe trouxe a possibilidade de exercer uma masculinidade hegemônica na família.

Os aspectos relacionados à vida profissional também foram a tônica de minhas conversas com Felipe¹⁰, de 23 anos, estudante de Engenharia da Computação em uma universidade pública que morava com a avó em Goiânia. Quando começamos a conversar, Felipe me perguntava sobre a carreira acadêmica e concursos públicos, questionando sobre sua viabilidade financeira e capacidade de suprir demandas por estabilidade profissional. É filho de vendedor de joias e sua mãe – de quem advém a maior renda da família – trabalha em um banco público em Brasília, onde passou parte da infância, por conta da transferência do trabalho de sua mãe para lá. A vontade de fazer Engenharia da Computação veio do fato de sempre ter sido “bom em matemática” e seu primeiro contato com computadores foi no final dos anos 1990, especialmente com jogos.

Por conta da estabilidade profissional de sua mãe teve condições de ter computador em casa e acesso à internet desde seus primórdios no Brasil. Começou a fazer faculdade e no terceiro ano participou do programa nacional Ciências sem Fronteiras e foi para o Canadá. Seu interesse pela carreira acadêmica se deu por conta do desejo de fazer mestrado. Em certo sentido fui alocada numa posição de “conselheira acadêmica”, explicando sobre valor de bolsas, concursos para

¹⁰ Os depoimentos de Felipe foram transcritos a partir de entrevista realizada via *Facebook*.

professores, etc. Certa vez, Felipe inicia uma conversa comigo, em busca de desabafar sobre as cobranças familiares:

Só queria fazer um desabafo. Meu primo, sabendo que quero fazer Mestrado. “Mas você não vai trabalhar?” Ah, mas eu respirei muito fundo. Tá barril do lado de cá. Em que algumas pessoas da família acham que eu estou indo no mesmo rumo do meu primo viciado em cocaína (?), ser sustentado pela família. Mesmo com todo bom rendimento e todos os frutos que já deram, que nem intercâmbio. A explicação é que eu decidi não trabalhar enquanto tô fazendo faculdade.

As resistências familiares com relação à carreira acadêmica aliavam-se à oposição de seu pai com relação às práticas budistas. O pai de Felipe apareceu como figura repressora em nossos diálogos e, inclusive, em sua visão, era tido como ansioso, como alguém que não leva “um estilo de vida muito saudável, acabou com dificuldades de trabalho. Aí não conseguiu produzir muito”. Felipe estudou a maior parte da vida em “escolas de igreja”, começou a praticar artes marciais desde os quatro anos, com o *tae-kwon-do* e judô. Pensando em como evitar confrontos maiores com a família e de se manter sem sua ajuda, considerava a possibilidade de terminar os estudos trabalhando, mas pensava em prestar concurso público para isso e depois abandonar o cargo caso passasse no mestrado. Outro ponto que gerava discussão com seu pai se referia às práticas de meditação que Felipe costumava priorizar. No começo do ano seguinte estava planejando uma viagem de retiro para meditar, no entanto, a reação familiar não foi positiva:

Minha mãe não fala nada. Meu pai não gosta. Parece que ele realmente quer que eu viva de acordo com o molde dele. Qualquer coisa que saia disso, ele não conversa de igual pra igual. Nunca teve essa disposição. “O Felipe tá errado”. Sem nem considerar a possibilidade de ver um outro ponto de vista.

As circunstâncias narradas por Felipe sobre o que considerava “repressão familiar” se relacionam aos modelos de masculinidade aos quais não corresponde, contrastando com suas prioridades calcadas nos estudos, artes marciais e meditação, contrários à referência do pai. Os projetos de vida que sua família contemplava, o foco no trabalho ao invés de estudos e oposto aos retiros que Felipe buscava, o conduziam ao processo de tentativa de constituir uma masculinidade mais reconhecida no contexto familiar, através do concurso público, para que ao se dedicar a um trabalho formal garantisse tranquilidade mínima para posteriormente estudar e, principalmente, se manter sozinho. Nesse sentido, a participação na comunidade lhe ofereceu apoio emocional para lidar com essa conjuntura e aprender a “tomar atitudes” frente a esses contextos. Em suas palavras:

O que mais curto por lá é como tratam uns aos outros. Uma ideia de lá é bater o pau na máquina. Se tem algo a ser dito, será dito, e sem receber e doar a quem doer. Não por mal, mas há o pressuposto que as pessoas precisam olhar o mundo como ele é de verdade, sem ilusão. Enfim, um tapa na cara. (Não literalmente, claro.) É onde “nascem” os métodos para notarmos como somos medrosos, dispersos e outras características que a gente finge não ver.

A comunidade aparece, em seu discurso, como forma de aprendizagem de disciplina e apoio mútuo, que lhe fez praticar meditação e se dedicar aos estudos budistas, constantemente referidos em nossos diálogos. Funcionou como um medicamento para que pudesse se livrar dos estigmas de uma masculinidade não tão prestigiosa na família. Fazer parte dessa rede de apoio emocional lhe proporcionou referenciais de atitudes masculinizantes, apenas visualizados pelo “tapa na cara” que o fez acordar e assumir posturas mais ativas.

Os contatos que tive com os usuários da comunidade foram demonstrativos de como a negação de valores religiosos ou das expectativas vindas da família, aliados ao fato da saída de casa por conta dos estudos e posterior entrada na vida profissional adulta lhes foram determinantes para a entrada na comunidade. Ainda, insatisfações com a área profissional colocadas a partir de resistências aos modelos de trabalho tradicionais foram comuns e motivaram a tentativa de constituição de projetos profissionais próprios. No caso de Felipe os estudos apareceram como forma de se sentir seguro e produtivo profissionalmente. Para Tales, a importância do trabalho aliada mais às experiências práticas do que aos conhecimentos universitários e regimes flexíveis, aparece como um modo de questionar modelos de trabalho convencionais, com horários definidos e separação entre as esferas da intimidade e produtiva. Do mesmo modo, revelam resistências aos padrões impostos pela família, baseados, sobretudo, em modelos de masculinidades colocados pelos pais que não se adequam às suas visões. Lima e Oliveira (2017), entrevistando profissionais de Tecnologias de Informação, verificaram algo semelhante aos relatos de meus interlocutores:

[...] a construção da carreira e da identidade profissional se dá em meio à ideia da mobilidade, da atualização, da formação permanente e, sobretudo do protagonismo individual. [...] Significa tomar nas próprias mãos a responsabilidade por seu percurso ocupacional, o que, por um lado, pode produzir um efeito positivo, na medida em que agora o trabalhador segue em busca de suas realizações profissionais e pessoais; mas, por outro, pode produzir efeitos negativos, já que a não efetivação de seus sonhos, desejos e expectativas pode gerar sentimento de frustração, incapacidade e derrota. Afinal, a perspectiva individualista deixa o sujeito com o ônus e o bônus de seus projetos. Além disso, apontar que já aprendeu tudo

o que poderia na empresa pode representar apenas uma análise racional de que encerrada as possibilidades de “ganhos” em conhecimento, o caminho natural seria “partir para outra”. Mas também tende a representar a incorporação da ideologia do trabalho flexível, propagada pelas mídias empresariais; da necessidade de mobilidade, que difunde o não enraizamento em direção a novos horizontes; da negação do comodismo ou da “mesmice”. A permanência no emprego, antes percebida como fidelização na relação empresa-trabalhador, agora é percebida como problema que indica um trabalhador pouco inovador, que não arrisca e não empreende. Na construção de novas subjetividades, difunde-se a ideia de um perfil de profissional capaz de atender ao atual momento do capitalismo, isto é, que seja capaz de se adaptar rapidamente às mudanças, que seja móvel e que tenha características de liderança. (LIMA; OLIVEIRA, 2017, p.134)

Em suma, o trabalho, colocado numa perspectiva de projeto profissional individual e visto como meio de conquistar sucesso e dinheiro adquire significado de masculinidade para que, especialmente, seja tido como uma resposta aos contextos familiares que ora condenavam e estigmatizavam suas expressões de gênero não ancoradas nos modelos advindos dos pais, ora lhes traziam referenciais não bem sucedidos financeiramente.

A pesquisa de Michael Kimmel (2008, p.24) sobre homens estadunidenses com idades entre 16 e 26 anos constata mudanças no que se refere às relações afetivas, trabalho e família que se relacionam às masculinidades. De acordo com o autor, as etapas da vida desses homens têm sofrido alterações no sentido de evitarem marcas geracionais definidas pelos demógrafos como saída de casa; término de uma etapa da educação; começar a trabalhar; casar; ter um filho/a. Em caso brasileiro, é possível verificar a partir de meus interlocutores, que esses marcadores geracionais para esse contexto de homens brancos, heterossexuais, de classes médias e médias altas também estão sendo borrados. Isso os leva a adotar esses regimes flexíveis de trabalho ou preferir pela concentração nos estudos como Felipe, concomitantemente aos ideais de projetos profissionais individuais – como desenvolver *start ups* em tecnologias – que os permitem alcançar os ideais a partir desses referenciais de homens que trabalham com inovações tecnológicas e constituir masculinidades em rede.

Essa socialidade possui efeitos subjetivos de tal modo que colabora para nutrir uma compreensão individualista do sujeito, cuja aposta de sucesso concentra-se exclusivamente nele mesmo. Christina Scharff (2016) argumenta, a partir de entrevistas com mulheres musicistas, que existe uma retórica empreendedora por trás dessas subjetividades, permitindo observar o que ela chama de vida psíquica do neoliberalismo. De acordo com a autora, “o incentivo neoliberal para se administrar como empresa atravessa dinâmica de poder de gênero, racializada e de classe, levanta questões sobre os efeitos psicossociais do neoliberalismo” (SCHARFF,

2016, p.109), de tal modo que “a concorrência também parece ser auto dirigida, sugerindo que indivíduos empreendedores competem consigo mesmo, e não apenas com os outros” (SCHARFF, 2016, p.108).

Nesse sentido, os relatos de meus interlocutores demonstram que apesar de seus percursos profissionais terem sido inconstantes têm a possibilidade de se conceberem como agentes de sua própria trajetória profissional, provavelmente por serem brancos, heterossexuais e de classes médias e médias altas. As relações em rede lhes ofereceram subsídios para lidarem com novas configurações no universo do trabalho, de modo a possibilitarem ampliação de repertórios para constituírem-se como empreendedores de si mesmos, exercitando e disciplinando suas subjetividades.

Exorcizando os fantasmas dos “mimadinhos” e “nerds”

Durante a pesquisa de campo era comum que os interlocutores me dissessem como se aproximaram da comunidade pela necessidade de aprenderem a conquistarem mulheres. Esse discurso era tido como um fim para se libertarem das referências que os alocavam a posições feminilizadas ou pouco reconhecidas socialmente no que se refere à masculinidade. Consequentemente, vislumbraram através da comunidade, chances de se desvencilharem de antigos estigmas que marcaram suas experiências na infância e adolescência. Essa rede lhes auxiliou a visualizar meios de como lidarem com a construção da masculinidade junto à entrada na vida adulta e estabelecimento de relações afetivas.

Edson¹¹ tinha 27 anos, nasceu e morava no Rio de Janeiro sozinho no apartamento recém adquirido na Zona Sul após anos de trabalho. Formado em Sistema de Informação, trabalhava há aproximadamente seis anos em uma empresa de médio porte que desenvolve programas para outras empresas. Nas conversas que tivemos, as expressões que usava para se definir eram subalternas:

Acabei sendo o filhinho perfeito da mamãe, *nerd*, sempre nota boa, cabelinho penteado de lado. Tinha uma aposta na rua de que quando ficasse maior, seria gay, mas no meio do caminho tive amizades, algumas influências, e acabei virando essa coisa aqui. Resumindo era fazer tudo o que ela queria e nunca estar exposto ao mundo, sempre embaixo da saia dela. Faço parte da geração ruim, aquela de criados por pais separados, sempre morando com mães superprotetoras e vestindo o uniforme da escola com calças por cima de camisetas e cabelo penteado de lado. Como mamãe gosta. Sofria bullying na escola pq era *nerd* e terminei gerando

¹¹ Os depoimentos de Edson foram transcritos a partir de entrevista realizada via *Facebook*.

traumas e medos de pessoas. As pessoas da rua em que eu morava falavam que eu seria gay pq não jogava bola, não empinava pipa, ficava sempre dentro de casa e quando aparecia era de mãos dadas com a minha mãe, sempre muito educado, muito tímido...pelo menos eu acho que era por isso.

Edson tinha saído de casa há dez anos pra morar com um amigo e trabalhar com informática. Sua mãe não aceitou a mudança e por isso se falavam muito pouco. O bullying que sofreu na escola colaborou para desenvolver o que denomina de “trauma de pessoas” e fez com que a informática e a internet fossem uma “boa fuga”. Logo na infância ganhou o primeiro computador de sua mãe que trabalhava em uma empresa de grande marca de eletroeletrônicos. Os obstáculos apresentados pelo fato de ser “*nerd*”, “magro”, “filhinho de mamãe”, ter se relacionado com poucas mulheres e ser tido como gay, o levaram à introspecção circunscrita ao uso de computadores, aos jogos de vídeo game, programação e uso da internet. Também pela internet, se aproximou de mulheres, que era uma dificuldade que enfrentava. Sua entrada na comunidade, inclusive, se deu pelo interesse de aprender a conquistá-las, o que, posteriormente, foi modificado conforme relata detalhadamente:

Trabalho com informática, mais especificamente com desenvolvimento de sistemas e sempre fui fissurado por informática. Fui crescendo, adolescente, fui tendo problemas com mulheres, como todo adolescente, achava que era só eu que tinha esses problemas. Cheguei a maioridade. Entrei na comunidade visando aprender a pegar mulher, ser Don Juan e ensinar outros moleques. Porém, vi que o foco ali era conseguir ser alguém melhor. Aprender a trucar a vida, não aceitar meu sofrimento ou o dos outros como algo que acontece. Sem tanta dependência de ciúmes e controle, inveja, raiva, etc. Me envolvi bastante com o projeto e passei por coisas que nunca imaginei que aconteceriam comigo naquela época. Namorada traindo, perdendo emprego, família morrendo, casa despencando, a vida inteira desmoronando. Mas dei a volta por cima e consegui me erguer com a ajuda do pessoal lá. Tenho a impressão que as melhores coisas de um fórum não são os conteúdos que são gerados lá, mas sim os relacionamentos que se constroem por pessoas que nunca se falariam cara a cara. Já saí de lá, mas mantenho contato com um médico, um dono de uma editora, um biólogo. Essa é a parte boa, conhecemos pessoas com mundos totalmente “diferentes”, mas vemos que nossos dramas são todos iguais. Ter o apoio de quem já passou por certas situações. [...] Quando saí eu era um cara que praticava exercícios, meditação, estava parando de fumar, meditava todos os dias, calmo, sincero, amigo, etc. Hoje bebo todos os dias pelo menos cinco latas de cerveja. Me masturbo todos os dias, fumo um maço por dia e não pretendo parar. Parei de fazer exercícios. Não medito mais. O velho moleque mimadinho pela mãe quando fica mais velho.

A experiência de Edson é alusiva de como os usos da tecnologia lhe propiciaram elementos para lidar com estigmas sobre sua masculinidade por meio da socialidade com outros homens, e o libertaram das marcas de sua infância carregadas de violência exercida pelo bullying e isolamento social. Sua experiência social se deu no sentido em que foi alocado a uma posição feminilizada do “mimadinho da mamãe”, “nerd”, “educado” e “tímido” em contraposição ao garoto que joga bola, solta pipa e por estes motivos desde a infância, se associa à conquista de mulheres e não à homossexualidade.

Não obstante, a comunidade, em sua perspectiva, oferecia as chances de adquirir conhecimentos suficientes para “pegar mulher” e transmitir para outros amigos que tinham experiências semelhantes, adquirindo posição hegemônica na relação com estes. A figura do Don Juan em seu depoimento aparece em contraposição à figura do “nerd”, “mimado” e “gay” que o assombravam na infância, como se a partir do momento em que adquirisse atributos que o assemelhassem ao conquistador, estivesse livre da abjeção associada ao menino fraco, incapaz de atrair as mulheres e escondido atrás da tela de seu computador.

Em suma, os aspectos selecionados por Edson referem-se a um processo de renegar atributos de masculinidade indesejados e ir em busca de outros, socialmente reconhecidos, principalmente pela figura do “pegador”. Falar com outros rapazes ensinando-os a serem conquistadores pode ser interpretado enquanto tecnologia de gênero adquirida juntamente aos usos das mídias digitais. A socialidade que ofereceu apoio emocional contrasta com a figura do menino passivo e pode ser concebida como masculinizante.

As orientações contidas nessa rede de relações contribuíram para construir em cada sujeito, habilidades que pudessem desenvolver individualmente, como se estivessem assim, colaborando para uma lógica meritocrata que visualiza imperfeições e busca corrigi-las, num ato de empreender uma subjetividade exitosa. A partir desses princípios, se o sujeito soubesse utilizar bem esse treinamento e aproveitar as relações ali colocadas, teria sustentação e apoio emocional, sobretudo, para lidar com todas as armadilhas que o impediam de ser um homem melhor nos sentidos afetivos e profissionais. Essa agência individual aponta para como as relações foram constantemente fortalecidas e moldaram concepções de masculinidade. Nesse sentido, essa dinâmica social configura termos de projetos de masculinidades, que a partir da perspectiva de Connel e Messerschmidt (2013):

[...] Podem ser construídas de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real. Mesmo assim esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos. Eles oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero. (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.253).

Ainda que o foco destoasse de referências que meus interlocutores buscavam adquirir na entrada da comunidade, como ensinamentos para serem pegadores, essa socialidade desemboca em uma masculinidade construída em rede. A masculinidade ali representada atuou no sentido de constituir-se hegemônica nesse contexto em particular e opera como uma disciplina que, corresponde ao que Shcarff (2016, p.108) averigua: “sujeitos empresariais rejeitam aqueles que não são empreendedores. [...] esses repúdios não são efeitos colaterais de subjetividade empreendedora, mas são constitutivos dela”.

Somado a isto, explicitando o que a comunidade não era na primeira descrição do projeto, eram destacados vários tipos de práticas terapêuticas refutadas, assim como uma série de manuais de sedução. O trecho abaixo demonstra como era necessário afirmar que muitos homens participantes faziam terapia ao mesmo tempo, assim como pegavam mulheres ou eram casados, o que não colocaria em dúvida a masculinidade heterossexual predominante, tampouco a originalidade da comunidade ao oferecer um espaço diferenciado do que já existe.

Alguns fazem terapia, muitos namoram ou são casados e vários pegam mulher direto. Ou seja, a comunidade não se confundiu com um espaço terapêutico, não se configurou como um refúgio de *nerds* desincorporados e não se reduziu tampouco a um reduto de solteiros em busca de métodos infalíveis de sedução¹².

A resistência na definição como um grupo terapêutico, de autoajuda ou ajuda mútua masculino poderia se referir à tentativa de promoverem um tipo de “treinamento” que se coloca num âmbito diferente dos discursos feminilizados e com receituários para orientação íntima mais acessíveis às classes populares. Um dos coordenadores explica:

Quando a gente fala em transformar, a gente fala muito em abrir espaço, então não é uma coisa guiada, não é coach, não é terapia, não é auto-ajuda. Então esse processo precisa muito ter um comprometimento, interesse e abertura e disponibilidade das outras pessoas. É uma coisa nossa de não guia, não guru, não coach, é uma postura meio de caseiro, mais ombro a ombro, mais lado a lado, mais nas trincheiras com as pessoas¹³.

Logo, a rede de contatos estabelecida confirma um investimento emocional nos usos das mídias digitais, deixando à disposição de seus usuários relações que se sustentam conjuntamente com essa infraestrutura de sistema, nos termos de Nancy

¹² Trecho de explicação sobre a comunidade retirado do seu site de origem.

¹³ Trecho de explicação sobre a comunidade retirado do seu site de origem.

Baym (2013). Ou seja, o modo como a comunidade funcionava, inclusive restrita apenas aos homens que pagavam, apresentando conteúdos exclusivos e direcionados, contemplava perfis de classe social, gênero e raça muito específicos, oportunizando a partilha de sentimentos em uma rede socialmente segura e preparada, na visão de meus interlocutores, a fornecer treinamento de suas subjetividades, que funcionaram como discursos de empreendedores de si, exorcizando seus fantasmas de infância.

Em outras palavras, o que essa rede disponibilizava era a garantia de segredo e exclusividade na confiança de masculinidades inseguras no trabalho e na vida afetiva, sobretudo, que ia além do que a plataforma elicitava, já que as relações percorriam fluxos além daquele espaço, pois mantinham contato, ainda que não participassem dos fóruns e atividades. Os usos da comunidade podem ser lidos como modelagem social de masculinidades por meio das mídias digitais e não meramente como formas de comunicação entre os sujeitos independente de seus contextos sociais. Assumem, portanto, uma forma cultural (WILLIAMS, 2016) que estende os repertórios de masculinidade de meus interlocutores ampliando suas concepções sobre trabalho e relações afetivas.

Os resultados da comunidade só podem ser entendidos pelo modo como ela despertou uma socialidade que funcionou para determinados grupos de homens insatisfeitos com a subalternização social de suas masculinidades. A rede estabelecida alimentou expectativas quanto às tecnologias como solução tanto para suas incertezas no trabalho quanto para as inseguranças com as mulheres, fortalecendo discursos de que poderiam ser empreendedores de si mesmos nas esferas profissionais e afetivas. Por sua vez, se transformou em uma empresa que disputava com outros referenciais de auxílio como a autoajuda ou ajuda mútua e, para prosperarem, buscaram masculinizar o apoio emocional pelas mídias digitais, consistindo também em um modelo de negócios. Assim, o envolvimento com essa rede de socialidade apontou para um processo de transformação subjetiva de meus interlocutores, de modo a se sentirem minimamente confortáveis para a expansão posterior para as mulheres em outra plataforma, oportunizando manter os rendimentos em outro negócio comercial.

Considerações finais

Neste texto busquei demonstrar como as mídias digitais aglutinam experiências de homens que lidam com inseguranças na esfera profissional e afetiva. A ideia de sucesso do que se considera pequenos empreendimentos caracterizados como “empresas de garagem” se trata de um mito se aplicada ao entendimento do meu campo, pois faz parte de um determinismo tecnológico que vê a tecnologia como fora da sociedade, desconsiderando, sobretudo, aspectos de gênero. Embora

o serviço comercial oferecido aos homens que compuseram meu campo de pesquisa se pautasse por discursos de êxito, era, na verdade, produto de uma rede de relações e apropriações de tecnologias comercialmente disponíveis e não trabalho de sujeitos isolados cujo esforço individual e deslocado do contexto social lhes garantiria triunfo social e econômico.

A comunidade analisada despertou anseios dos usuários de aprenderem a lidar com a esfera afetiva, entre homens cujas experiências são marcadas por acesso às mídias digitais desde a infância e adolescência. Ampliou suas visões para além dessa necessidade, no sentido de disciplinar suas subjetividades para que se desvinculassem de referenciais de masculinidades estigmatizadas em figuras recorrentes que fizeram parte de sua infância e adolescência.

Aprenderam a desconstruir os sentidos de masculinidades hegemônicas e os reconstruírem por meio da camaradagem estabelecida através das mídias digitais, que se configuraram como um modelo de negócios restrito ao apoio emocional para homens. As mídias digitais legitimaram partilha de emoções entre eles e colaboraram nos seus discursos para o processo de construção coletiva de sentidos de masculinidades que iriam modificar os referenciais considerados subalternos nesse contexto, como os que se associam à feminilidade ou à masculinidade não bem sucedida no aspecto profissional e afetivo.

O processo dos sujeitos se auto constituírem coletivamente refere-se ao modo como se interpelaram em relações de socialidade e teve como resultado a compreensão de si como empreendimento. Conforme mencionado em campo, a rede funcionou como forma de esculpir cumplicidades entre homens que, “ombro a ombro, nas trincheiras”, desafiavam seus percursos de vida e tentavam, ainda que individualmente, serem senhores de seu próprio destino, gestores de suas subjetividades, como se gerissem uma empresa.

IN GARAGE ENTERPRISES: REFLECTIONS ON MASCULINITY, ENTREPRENEURSHIP AND DIGITAL MEDIA

ABSTRACT: *The article analyzes the relationship between digital media and emotional support, emphasizing the ways in which they articulate the meanings attributed to network masculinities. The research was conducted through interviews with men, who identify themselves as white, heterosexual and autonomous professionals who were part of an online community. The study shows how that community, before being understood as an innovative enterprise, consolidates itself based on relationships between men, who find a space to deal with the professional insecurities they experienced, regarding the masculinity conventions. In this sense, this social network enable them to be entrepreneurs of their own and seek to transform*

them into men who are socially admired for their professional achievements and affective relationships. That community has made this social moulding of masculinity through digital media a business model of emotional support restrict to men with a specific social profile of social class, sexuality and race.

KEYWORDS: *Digital media. Communities. Masculinities. Entrepreneurship.*

EN LAS EMPRESAS DE GARAJE: REFLEXIONES SOBRE MASCULINIDAD, EMPRENDIMIENTO Y MEDIOS DIGITALES

RESUMEN: *El artículo analiza las relaciones entre los medios digitales y el soporte emocional, enfatizando las formas en que se articulan a los sentidos atribuidos a las masculinidades en red. La investigación se llevó a cabo a partir de entrevistas con hombres que se identificaron como blancos, heterosexuales y profesionales liberales que formaban parte de una comunidad en línea. El estudio muestra cómo la comunidad, antes de ser entendida como una emprendimiento innovador, se consolida a partir de las relaciones entre hombres, que encuentran un espacio para enfrentar las inseguridades profesionales que experimentaron, en relación con las convenciones de las masculinidades. En este sentido, esta red social hace posible que sean emprendedores de sí mismos y que busquen convertirse en hombres socialmente admirados por sus logros en el trabajo y en las relaciones afectivas. La comunidad ha hecho de este modelo social de masculinidad en los medios digitales un modelo de negocio de apoyo emocional restringido a los hombres con perfiles sociales específicos de clase social, sexualidad y raza.*

PALABRAS CLAVE: *Medios digitales. Comunidades. Masculinidades. Emprendimiento.*

REFERÊNCIAS

BAYM, Nancy. Social Networks 2.0. In: M. Cosavo e C. Ess (orgs). **The Handbook of Internet Studies**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013.

CONNEL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1), p.241-282, janeiro-abril. 2013.

FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues. Mídias Digitais e Horizontes de Aspiração: um estudo sobre a comunicação em rede entre mulheres das classes populares brasileiras. São Carlos. 230f. **Tese** (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues; PADILHA, Felipe. O desejo da metrópole: gênero, sexualidade e mídias digitais. *Periodicus*, n. 9, v. 1, p.377-399, maio-out. 2018.

KIMMEL, Michael. **Guyland**: the perilous world where boys become men. HarperCollins ebooks, 2008.

LIMA, Jacob.; OLIVEIRA, Daniela Ribeiro de. Trabalhadores digitais: as novas ocupações no trabalho informacional. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília – Volume 32, Número 1: 111-143. Janeiro/Abril 2017.

PRADO. Juliana do. Dos consultórios sentimentais à rede: apoio emocional pelas mídias digitais. 2015. 269f. **Tese** (Tese de Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Carlos, 2015.

RAKOW, Lana F. **Gender on the Line**: Women, the Telephone, and Community Life. Illinois Studies in Communications. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1992.

SCHARFF, Christina. The Psychic Life of Neoliberalism: Mapping the Contours of Entrepreneurial Subjectivity. *Theory, Culture & Society*. Vol. 33(6) 107–122, 2016.

MACKENZIE, Donald.; WAJCMAN, J. Introductory essay. *In*: D. MACKENZIE; J. WAJCMAN. **The social shaping of technology**. Buckingham, Open University Press, p.1-25, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão**: tecnologia e forma cultural. Trad. Márcio Serelle; Mário F. I. Viggiano. 1a ed. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte, PUCMinas, 2016. Elicitava

Recebido em 27/03/2020.

Aprovado em 06/05/2020.